

## **JULIETTE DE MAEYER: “A EPISTEMOLOGIA É A QUESTÃO FUNDAMENTAL: COMO O JORNALISMO PODE REPORTAR O MUNDO, E COMO PODE FAZÊ-LO CORRETAMENTE?”**

*Juliette De Maeyer: “Epistemology is the fundamental question: How can journalism report on the world, and how can it do so accurately?”*

*Juliette De Maeyer: «La epistemología es la cuestión fundamental: ¿cómo puede el periodismo informar sobre el mundo y cómo puede hacerlo correctamente?»*

**Gabrielle Romain**

Université Libre de Bruxelles  
Bruxelas, Bélgica

[Gabrielle.Romain@ulb.be](mailto:Gabrielle.Romain@ulb.be)

<https://orcid.org/0009-0000-3156-0770> 

**Natália Huf**

Universidade Federal de Santa Catarina  
Florianópolis - SC, Brasil

[natalia.huf@gmail.com](mailto:natalia.huf@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-2112-2731> 



Créditos da foto: Acervo pessoal da entrevistada.

[Descrição da imagem] A foto mostra o rosto da pesquisadora Juliette De Maeyer, uma mulher de pele clara, olhos castanhos e cabelos castanhos longos e levemente ondulados, com uma franja reta que cobre a testa. Ela olha diretamente para a câmera com uma expressão serena e um leve sorriso de lábios fechados, usando batom em tom de rosa queimado. Veste uma blusa de gola alta preta. O fundo da imagem é uma parede lisa e clara, em tom de branco acinzentado. [Fim da descrição].

**Resumo:** A presente entrevista tem como objetivo apresentar o trabalho da pesquisadora belga Juliette De Maeyer ao público brasileiro. Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Livre de Bruxelas (ULB), na Bélgica, e professora do departamento de Comunicação da Universidade de Montreal (UdeM), no Canadá, De Maeyer tem um olhar atento aos cruzamentos entre a tecnologia e a epistemologia do jornalismo. Em suas pesquisas, aplica uma perspectiva sócio-histórica para compreender como grandes conceitos do campo jornalístico, como objetividade e valores-notícia, são impactados pelo desenvolvimento tecnológico. Na entrevista, ela fala sobre seus trabalhos recentes, incluindo a coletânea sobre o jornalista e intelectual estadunidense Franklin Ford, que desenvolveu, no início do século XX, um conceito para uma nova e utópica infraestrutura midiática.

**Palavras-chave:** entrevista; tecnologia; epistemologia do jornalismo.

**Abstract:** This interview aims to introduce the work of Belgian researcher Juliette De Maeyer to the Brazilian public. PhD in Communication and Information from the Université Libre de Bruxelles (ULB), in Belgium, and professor at the Communication department at the Université de Montréal (UdeM), in Canada, De Maeyer has a keen eye for the intersections between technology and the epistemology of journalism. In her research, she applies a socio-historical perspective to understand how major concepts in the field of journalism, such as objectivity and news values, are impacted by technological development. In the interview, she talks about her recent work, including the collection on American journalist and intellectual Franklin Ford, who developed a concept for a new, utopian media infrastructure at the beginning of the 20th century.

**Keywords:** interview; technology; journalism epistemology.

**Resumen:** Esta entrevista pretende presentar al público brasileño el trabajo de la investigadora belga Juliette De Maeyer. Doctora en Comunicación e Información por la Université Libre de Bruxelles (ULB), en Bélgica, y profesora del departamento de Comunicación de la Université de Montréal (UdeM), en Canadá, De Maeyer tiene un ojo agudo para las intersecciones entre la tecnología y la epistemología del periodismo. En su investigación, aplica una perspectiva socio-histórica para entender cómo los principales conceptos del periodismo, como la objetividad y los valores de las noticias, se ven afectados por el desarrollo tecnológico. En la entrevista, habla de sus últimos trabajos, incluida la colección sobre el periodista e intelectual

estadounidense Franklin Ford, que desarrolló un concepto para una nueva y utópica infraestructura de los medios de comunicación a principios del siglo XX.

**Palabras-clave:** entrevista; tecnología; epistemología del periodismo.

Com um olhar atento aos desenvolvimentos tecnológicos, a pesquisadora Juliette De Maeyer se dedica a compreender as relações entre tecnologia e epistemologia do jornalismo e os resultados destes atravessamentos. Professora associada do departamento de Comunicação da Universidade de Montreal (UdeM), no Canadá, De Maeyer é doutora em Informação e Comunicação pela Universidade Livre de Bruxelas (ULB), na Bélgica, e integra o Centro de Pesquisa Interuniversitária sobre Humanidades Digitais (CRIHN) e o Laboratório de identidades e práticas jornalísticas (LaPIJ). Ela é também uma das fundadoras do *Paperology Reading and Activity Group* (Paperology RAG) e do laboratório de pesquisa *Atelier -30-*, ambos vinculados à UdeM.

A partir de uma perspectiva histórica, De Maeyer busca compreender como alguns dos grandes conceitos do campo – como objetividade e valores-notícia – são impactados pelo desenvolvimento de novas tecnologias, desde os primeiros equipamentos portáteis até os mais contemporâneos, como a internet e a inteligência artificial. Exemplo disso é a publicação recente da coletânea *Franklin Ford Collection* (Mediastudies.Press, 2023), coeditada por De Maeyer e Dominique Trudel, que reúne uma série de documentos do jornalista, empreendedor e teórico de mídia estadunidense Franklin Ford. Atualmente, ela desenvolve uma pesquisa sobre “jornalismo hesitante”.

Nesta entrevista, conduzida em francês e posteriormente traduzida para o português, ela aborda os principais temas que despertam sua curiosidade enquanto pesquisadora. Para o público brasileiro e, de forma mais ampla, latino-americano, a pesquisa de De Maeyer é de grande interesse por sua abordagem materialista e histórica, que evita o deslumbramento tecnológico. Ao investigar a “vida social” de objetos como o hyperlink e o papel, dialoga com a tradição de estudos sobre mediações e a precarização do trabalho jornalístico, e sua perspectiva pós-disciplinar oferece ferramentas críticas para desconstruir narrativas hegemônicas da comunicação.

**Em suas pesquisas, você se interessa pela epistemologia do jornalismo e, mais especificamente no artigo *Networks of Reference: Rethinking Objectivity Theory in Journalism* (Redes de referência: repensando a teoria da objetividade no jornalismo), escrito em coautoria com Thomas Martine, você nos convida a repensar o conceito**

**de objetividade. Você propõe mobilizar o conceito de “cadeias de referência”, emprestado de Bruno Latour, em uma tentativa de superar a binaridade tradicionalmente associada à objetividade, a ideia de que ou alguém é ou não objetivo. Poderia falar mais sobre essa proposição teórica?**

JULIETTE DE MAEYER: Neste artigo, nós queríamos revisitar o conceito de objetividade sem abandoná-lo. Sabemos que a objetividade é um elemento central de grande parte do jornalismo ocidental e que esse conceito é considerado inadequado em muitos aspectos, tanto por pesquisadores quanto pelos próprios jornalistas. Os trabalhos de Michael Schudson<sup>1</sup> mostram claramente que os jornalistas nunca aplicaram a objetividade de forma ingênua. Para revisitar esse conceito, recorreremos a um aparato teórico que nos é caro, o de Bruno Latour, da Teoria Ator-Rede (TAR), também chamada de sociologia da tradução. “Cadeia de referência” é um conceito usado por Latour para descrever a atividade científica<sup>2</sup>: para que os cientistas possam falar sobre o mundo, é preciso que as coisas da realidade ao nosso redor – em outras palavras, as coisas observáveis – passem por vários deslocamentos, transformações ou traduções. Por exemplo, quando observamos a floresta amazônica: existe uma floresta amazônica e existem cientistas que podem coletar amostras, medições, imagens, instalar sensores... Tudo isso forma uma cadeia pela qual a realidade observável acabará sendo transformada para se tornar uma publicação científica, que, por sua vez, formará o conhecimento científico final. E, em cada uma destas etapas, haverá mediação, processos de inscrição<sup>3</sup> (os dados serão registrados em um caderno, em um computador, ou transformados em um gráfico, por exemplo). Então, meu colega Thomas Martine e eu nos perguntamos até que ponto poderíamos usar esse conceito de “cadeias de referência” para tentar descrever o trabalho jornalístico. Tradicionalmente, para simplificar, a objetividade é concebida como a separação entre os fatos, de um lado, e os valores, do outro. Então, para ser objetivo, seria suficiente remover suas opiniões pessoais, seus valores, sua subjetividade; até mesmo dentro da mídia há uma separação física entre o conteúdo de ordem factual e aqueles de ordem opinativa. Essa é uma concepção subtrativa de objetividade. Agora, se pensarmos na objetividade como algo que é construído por meio de cadeias de referência, chegaremos a uma concepção mais aditiva: é

<sup>1</sup> Ver Schudson, M. **Discovering the news: A social history of American newspapers**. New York: Basic Books, 1978, ou Schudson, M. The objectivity norm in American journalism\*. Journalism, 2001, v. 2, n. 2, p. 149-170. DOI: <https://doi.org/10.1177/146488490100200201>.

<sup>2</sup> Latour, B. **Pandora's Hope: Essays on the Reality of Science Studies**. Cambridge, MA/London, UK: Harvard University Press, 1999.

<sup>3</sup> Para Latour, a inscrição designa um processo anterior à linguagem, em que atores humanos e não-humanos (por exemplo, uma pessoa, um lápis e um caderno) produzem simbolicamente novos atores nas redes e associações com o mundo material.

adicionando elos à cadeia que os jornalistas constroem seu conhecimento do mundo. Isso permite mostrar, ou ao menos nós esperamos, que é possível ter cadeias de referência mais ou menos robustas. Assim, a questão não é mais se somos objetivos ou não, mas tentar pensar sobre a robustez das cadeias de referência que são construídas, o que nos permite sair da binaridade.

### **E por que você diria que é tão importante questionar essa noção de objetividade nos estudos de jornalismo?**

JULIETTE DE MAEYER: Acredito que esse é realmente o desafio mais importante que o jornalismo enfrenta. Portanto, não se trata necessariamente da objetividade como ela é tradicionalmente concebida, mas da capacidade do jornalismo de relatar com fidelidade, honestidade, precisão e exatidão o mundo ao nosso redor. Penso que isso sempre foi fundamental, mas é ainda mais importante por sabermos que, em muitos países, estamos diante de uma crise de confiança nos jornalistas e no jornalismo. Não quero fazer generalizações nem participar da retórica da crise (que a própria mídia usa muito!), mas estamos em um contexto muito preocupante. E me parece que, nesse aspecto, o jornalismo não tem outra escolha a não ser refletir sobre como ele mesmo funciona e também, talvez, revisar um pouco esse modo de funcionamento, em especial para (re)conquistar a confiança do público. Neste momento, nós vemos que os jornalistas não podem mais alegar que estão distantes do mundo, nem continuar a defender uma “visão de lugar nenhum”. Ao mesmo tempo, também podemos ver os perigos da instrumentalização de um certo tipo de crítica de mídia para semear dúvidas sobre a própria capacidade da mídia e do jornalismo de dar conta do mundo. Vemos muito isso no discurso político da extrema direita, nos teóricos da conspiração e, de modo mais amplo, no discurso populista: eles usam os limites da ideologia jornalística tradicional simplesmente para deixar de lado todo o trabalho dos jornalistas e o valor do jornalismo em nossas sociedades democráticas. Penso que estamos em uma situação de crise existencial para a mídia, para o jornalismo e para todas as instituições produtoras de conhecimento (o que também inclui as universidades), o que exige que estudemos essas questões e tentemos entender como os jornalistas talvez possam fazer as coisas de forma diferente.

**Você também trabalhou com o conceito de valores-notícia, pensando em alternativas conceituais para repensar o processo de atribuição de um valor informativo a um fato<sup>4</sup>.**

JULIETTE DE MAEYER: Sim, de forma semelhante ao trabalho que venho fazendo sobre objetividade, no sentido de que estou tentando me afastar das oposições binárias. Grosso modo, pensar em valores-notícia significa perguntar se o valor da informação está nos objetos do mundo que estamos observando. Se a resposta for sim, então podemos dizer que as coisas têm intrinsecamente um valor noticioso maior ou menor, e que podemos medir esse valor com a ajuda de alguns critérios. Por outro lado, há também a ideia de que os jornalistas têm um “talento”, uma qualidade própria que lhes permite “farejar” uma boa história, algo que é mais da natureza de seu instinto ou percepção. De minha parte, proponho usar o conceito de valoração de John Dewey para tentar combinar esses dois aspectos. Portanto, o valor da informação não se encontra apenas nas propriedades objetivas das coisas ou no talento jornalístico, mas na relação dinâmica entre os dois. John Dewey em nenhum momento fala sobre jornalismo: ele está interessado no valor em geral e mostra como o valor é tanto algo que sentimos quanto algo que existe no mundo. Essa teoria, parece-me, nos permite entender que nem os valores-notícia nem o talento jornalístico podem ser totalmente descartados, pois, quando os próprios jornalistas falam sobre seu trabalho, eles geralmente falam sobre instinto. E pensar em termos de valoração nos permite levar a sério o que os jornalistas nos dizem e tentar descrever sua realidade da melhor forma possível.

**Recentemente, você publicou um livro sobre o pouco conhecido jornalista e intelectual estadunidense Franklin Ford<sup>5</sup> (1849-1918), em coautoria com Dominique Trudel. O que despertou seu interesse sobre o trabalho de Ford e o que o estudo de suas contribuições pode trazer para a pesquisa contemporânea em jornalismo?**

JULIETTE DE MAEYER: Franklin Ford foi um jornalista estadunidense do final do século XIX e início do século XX que desenvolveu uma visão para reformar a mídia e mudar todo o sistema de mídia. No final do século XIX, vivia-se um período de grande agitação tecnológica, social e cultural, principalmente com a introdução de tecnologias como o telégrafo e o telefone, e o desenvolvimento da comunicação instantânea de longa distância,

---

<sup>4</sup> De Maeyer, J. “A Nose for News”: From (News) Values to Valuation. **Sociologica**, 2020, v. 14, n. 2, p. 109–132. DOI: <https://doi.org/10.6092/issn.1971-8853/11176>

<sup>5</sup> Trudel, D.; De Maeyer, J. **Franklin Ford Collection**. Bethlehem, PA: Mediastudies.press, 2020.

que virou as relações sociais de cabeça para baixo. Nos Estados Unidos, esse também foi o período da “imprensa marrom”<sup>6</sup>, com seus excessos sensacionalistas e a disseminação do que já era conhecido na época como “*fake news*”. Em resposta, Ford propôs a reorganização da mídia para racionalizar a coleta e a circulação de informações. Ele desenhou um sistema de coleta centralizada das informações por agências, que então as redistribuiriam para uma série de publicações: primeiro, jornais de interesse geral e, depois, revistas especializadas. Os diferentes jornais poderiam então comercializar os mesmos fatos de diferentes maneiras: em publicações gerais, no caso dos fatos que fossem “de interesse público”, e em jornais especializados por setor de atividade, que ele via como setores de atividade econômica. Assim, por exemplo, para os produtores têxteis, ele propôs um jornal chamado *Cotton*, que reuniria todas as informações sobre o algodão. Ele também imaginou balcões de informações personalizados, onde as pessoas poderiam fazer solicitações de informações, algo que não existia na época e que lembra coisas que conhecemos hoje, como os mecanismos de busca e a possibilidade de pesquisar informações de acordo com nossos interesses específicos. O que também nos interessou foi que a visão de Ford também era, em última análise, uma visão política: segundo ele, se criarmos a infraestrutura midiática e tecnológica que permite que as informações certas cheguem ao lugar certo na hora certa, então, diz Franklin Ford, não precisaremos mais de governo, a sociedade governará a si mesma e as informações governarão a sociedade. Evidentemente, é uma visão bastante ingênua, que não leva em conta tudo o que a pesquisa crítica, por exemplo, pode nos dizer sobre o que é “informação”, quem a seleciona e como ela circula, mas é interessante, em termos utopia midiática e política, conhecer e tentar entender esse sistema.

**Nesse trabalho sobre Franklin Ford, você aborda também a ideia da comunicação como uma “pós-disciplina”. Que implicações esse conceito traz para o campo e para o conhecimento produzido sobre comunicação e jornalismo?**

JULIETTE DE MAEYER: De fato, outra colaboração de Franklin Ford é o papel que desempenhou na historiografia da comunicação como disciplina. Geralmente, em um relato um tanto canônico, o nascimento da comunicação como disciplina é situado na primeira metade do século XX, com os chamados “pais fundadores”, como Wilbur Schramm, Paul

---

<sup>6</sup> A expressão utilizada pela entrevistada foi “*yellow press*”, imprensa amarela, que é mais comumente traduzida para o português como “imprensa marrom”. Ambas designam um tipo de jornalismo sensacionalista, que prioriza a audiência em detrimento da ética jornalística e da qualidade da informação.

Lazarsfeld e Elihu Katz, que institucionalizaram a comunicação como disciplina nas universidades. O interesse por Franklin Ford nos permite puxar o fio de uma outra história da disciplina, que a leva um pouco mais longe. Em particular, trabalhamos muito com a ligação entre Ford e o filósofo americano John Dewey: no final do século XIX, eles trabalharam juntos – e também com outros jovens pesquisadores que se tornariam estrelas em suas respectivas disciplinas, em sociologia, filosofia ou retórica, como Robert E. Park, George Herbert Mead ou Fred Newton Scott – para lançar um jornal que eles apresentaram como um periódico revolucionário, o *Thought News*, que estava completamente alinhado com o projeto de reforma da mídia de Ford. Esse momento, na década de 1890, na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, quando filósofos, sociólogos e linguistas se interessaram pela mídia e pelo jornalismo, é apontado por alguns pesquisadores, incluindo James Carey, como um momento de fundação da disciplina, já que foi a primeira vez que a mídia e a comunicação adentraram a universidade. Nosso ponto de vista, e o que estamos tentando defender, não é necessariamente encontrar um ponto de origem, mas dizer que precisamos fazer um trabalho histórico mais sério sobre os fundamentos disciplinares da comunicação, para que possamos nos afastar de uma narrativa canônica e mitológica.

**Outro aspecto importante de seu trabalho diz respeito às pesquisas sobre a materialidade das práticas jornalísticas<sup>7</sup>. Por que você considera relevante se interessar por esse aspecto da comunicação e do jornalismo?**

JULIETTE DE MAEYER: Creio que há uma ligação entre as questões epistemológicas e as questões de materialidade, no sentido de que nossa relação com o mundo se dá por meio das condições materiais. Portanto, é entendendo nosso universo de mídia – esta em um sentido mais amplo – que podemos entender como existimos. Em última análise, a materialidade da mídia é nossa infraestrutura de existência. Para mim, a epistemologia é a questão fundamental do jornalismo: como o jornalismo pode relatar o mundo, e como pode fazê-lo corretamente, ou pelo menos de uma forma que consideramos satisfatória? Parece-me que é importante entender como a prática do jornalismo, que é muito concreta e muito material, influencia o que os jornalistas são capazes de dizer e como eles relatam o mundo.

---

<sup>7</sup> Ver: De Maeyer, J.; Delva, J. When Computers were New: Shifts in the Journalistic Sensorium (1960s–1990s). **Digital Journalism**, 2020, v. 9, n. 6, p. 792-809. DOI: <https://doi.org/10.1080/21670811.2020.1780143>, ou De Maeyer, J.; Le Cam, F. The Material Traces of Journalism: A socio-historical approach to online journalism. **Digital Journalism**, 2014, v. 3, n. 1, p. 85–100. DOI: <https://doi.org/10.1080/21670811.2014.928021>

Poderíamos pensar que a mídia digital está desmaterializada, mas, na realidade, ela está mais material do que nunca. Toda a nossa infraestrutura de comunicações continua extremamente material, nós só não pensamos nela. A materialidade é muitas vezes remota (como os cabos submarinos, por exemplo), mas ela existe e, se não estiver lá, nosso ecossistema de mídia digital não funciona.

**Isso também está presente em seu artigo em coautoria com Will Mari<sup>8</sup> sobre a introdução de tecnologias móveis nas redações a partir da década de 1970, uma pesquisa que mostra que os jornalistas contribuíram para moldar essas tecnologias.**

JULIETTE DE MAEYER: Exatamente. O que nos pareceu importante nesse caso foi oferecer nuances sobre uma narrativa bastante comum quando falamos de tecnologia no jornalismo, que é a de que as novas tecnologias são inicialmente externas ao jornalismo, e só depois são introduzidas nas organizações de mídia e adotadas com graus variados de resistência pelos jornalistas. Não se trata de dizer que a história que estamos contando está errada, mas sim de acrescentar novas nuances a ela, para tornar mais complexas e ricas as diferentes maneiras de estudar o jornalismo e a tecnologia.

**Você diria que, talvez, como pesquisadores e pesquisadoras, nós às vezes ficamos fascinados demais pela tecnologia e deixamos de ter uma perspectiva mais crítica?**

JULIETTE DE MAEYER: Sem dúvida, o fascínio pela tecnologia, o “sublime tecnológico”, para usar a expressão do historiador americano David E. Nye<sup>9</sup>, é algo que existe tanto na mídia quanto na comunidade de pesquisa. Mas penso que é um sentimento que podemos tentar explorar e trabalhar: o que há na tecnologia que nos fascina? Por que somos tão fascinados por ela? Por que ela fascina os jornalistas? Quando observamos a mídia e o jornalismo, percebemos que a questão da tecnologia sempre esteve presente de forma central na produção jornalística. Por exemplo, se observarmos a imprensa do século XIX: as máquinas, as novas prensas rotativas que possibilitaram a impressão de mais jornais com mais rapidez, mais eficiência... podemos ver que o jornalismo sempre foi uma atividade tecnológica. Isso faz parte do nosso objeto de estudo. O desafio agora é entender o papel

---

<sup>8</sup> MARI, Will; MAEYER, Juliette de. Mobile Work and the Transformation of Journalistic Labor from the Mid-1970s Through the 1990s. **Information & Culture**, [S.L.], v. 60, n. 3, p. 280-304, 2025. Project MUSE. <http://dx.doi.org/10.1353/lac.00024>.

<sup>9</sup> Nye, D. E. **American Technological sublime**. Cambridge, MA: MIT Press, 1996; ver também Mosco, V. **The Digital Sublime: Myth, Power, and Cyberspace**. Cambridge, MA: MIT Press, 2004

da tecnologia e seu impacto no jornalismo, e me parece que adotar uma perspectiva histórica nos permite olhar para esse fenômeno com uma certa distância.

**Por fim, você atualmente desenvolve um projeto de pesquisa e criação em colaboração com Frédérick Lavoie, jornalista *freelancer* do Quebec, bem como Clara Champagne, estudante de doutorado da Université de Montréal, e Charlotte Biron, professora da Université du Québec à Montréal (UQAM), sobre o que você chama de “jornalismo hesitante”. O que é esse conceito e como funciona o projeto?**

JULIETTE DE MAEYER: A motivação para esse trabalho é semelhante à de meu trabalho sobre objetividade: uma espécie de frustração, ou melhor, uma consciência dos limites do jornalismo tradicional e objetivo no sentido tradicional do termo. Em 2023, Frédérick Lavoie publicou um livro, *Troubler les eaux*<sup>10</sup>, para o qual ele inicialmente queria produzir uma série de reportagens sobre questões climáticas e, mais especificamente, aquelas ligadas à água, em Bangladesh. Mas, no fim das contas, o livro é muito mais do que isso, é sobre suas frustrações como jornalista, quando ele percebe que o mundo, o campo, está resistindo a ele e que ele não consegue relatar as situações que observa usando as ferramentas do jornalismo tradicional. Por exemplo, às vezes é impossível informar a idade exata de uma pessoa porque seu ano de nascimento é desconhecido, e outras vezes é difícil identificar a localização exata de um lugar porque ele abrange diferentes territórios. Lavoie tenta experimentar diferentes formas de escrever, que incluem elementos de hesitação ou desordem no modo de escrita e nos modos de relatar a realidade. Nosso projeto sobre jornalismo hesitante tem como objetivo dar espaço a esses experimentos de escrita jornalística, que estão mais próximos da tradição do jornalismo literário e do jornalismo narrativo. É um projeto de pesquisa-criação<sup>11</sup>, em colaboração com jornalistas do Quebec, no qual tentaremos fazer com que eles experimentem formas de escrita que deixem mais espaço para a “desordem epistemológica” e que, esperamos, permitam que os jornalistas não finjam que conhecem a realidade objetivamente e vejam como podemos, às vezes de maneiras muito pequenas e modestas, introduzir um pouco de hesitação na narrativa jornalística, o que esperamos que acabe fortalecendo-a... Não se trata de um jornalismo que tenha desistido de relatar o mundo como ele é, mas de um jornalismo que inclua as

<sup>10</sup> Lavoie, F. **Troubler les eaux**. Saguenay: Éditions La Peuplade, 2023, sem tradução para o português.

<sup>11</sup> Cruzamento entre pesquisa acadêmica e artística que resulta na produção do conhecimento teórico e também em uma obra (material ou imaterial), artefato ou performance. Ver: Paquin, LC; Noury, C. Petit récit de l'émergence de la recherche-crédation médiatique à l'UQAM et quelques propositions pour en guider la pratique. **Communiquer**, 2020, p. 103-136. DOI: <https://doi.org/10.4000/communiquer.5042>

partes do mundo que são um pouco resistentes, um pouco obscuras, um pouco problemáticas.

# DADOS DE PUBLICAÇÃO

## CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Todas as autorias contribuíram substancialmente.

## ORIGEM DA PESQUISA

Não se aplica

## USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

As autoras utilizaram o serviço de tradução DeepL como apoio para a tradução do texto em francês para o português.

## FINANCIAMENTO

Não se aplica.

## CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

A fotografia foi cedida pessoalmente pela entrevistada.

## CONFLITO DE INTERESSES

As pessoas autoras declaram não haver interesses conflitantes.

## DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA E OUTROS MATERIAIS

A pesquisa não possui dados. O artigo não contém dados coletados ou obtidos por meio de análises a partir de fontes primárias (exemplos: artigo teórico, ensaio reflexivo e resenha).

## LICENÇA DE USO

As autorias cedem à revista Estudos em Jornalismo e Mídia os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença [Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. As autorias têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em *site* pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

## **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade das pessoas autoras, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **EDITORES**

Daiane Bertasso Ribeiro  
Flávia Garcia Guidotti  
Rogério Christofolletti

## **HISTÓRICO**

Recebido em: 24-07-2025  
Aprovado em: 15-03-2026  
Publicado em: 22-06-2026